

cadernos

IHU

ideias

Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas

Marcelo Fabri



Os *Cadernos IHU ideias* apresentam artigos produzidos pelos convidados-palestrantes dos eventos promovidos pelo IHU. A diversidade dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é um dado a ser destacado nesta publicação, além de seu caráter científico e de agradável leitura.

cadernos **IHU** ideias

**Da mônada ao social:
A intersubjetividade segundo Levinas**

Marcelo Fabri

ano 10 • nº 174 • 2012 • ISSN 1679-0316

 UNISINOS

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS 

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor

Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

Vice-reitor

José Ivo Follmann, SJ

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor

Inácio Neutzling, SJ

Gerente administrativo

Jacinto Aloisio Schneider

Cadernos IHU ideias

Ano 10 – Nº 174 – 2012

ISSN: 1679-0316

Editor

Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

Conselho editorial

Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta – Unisinos

Prof. MS Gilberto Antônio Faggion – Unisinos

Dr. Marcelo Leandro dos Santos – Unisinos

Profa. Dra. Marilene Maia – Unisinos

Dra. Susana Rocca – Unisinos

Conselho científico

Prof. Dr. Adriano Naves de Brito – Unisinos – Doutor em Filosofia

Profa. Dra. Angélica Massuquetti – Unisinos – Doutora em Desenvolvimento,
Agricultura e Sociedade

Prof. Dr. Antônio Flávio Pierucci (t) – USP – Livre-docente em Sociologia

Profa. Dra. Berenice Corsetti – Unisinos – Doutora em Educação

Prof. Dr. Gentil Corazza – UFRGS – Doutor em Economia

Profa. Dra. Stela Nazareth Meneghel – UERGS – Doutora em Medicina

Profa. Dra. Suzana Kilpp – Unisinos – Doutora em Comunicação

Responsável técnico

Marcelo Leandro dos Santos

Revisão

Isaque Gomes Correa

Editoração

Rafael Tarcísio Forneck

Impressão

Impressos Portão

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Instituto Humanitas Unisinos – IHU

Av. Unisinos, 950, 93022-000 São Leopoldo RS Brasil

Tel.: 51.35908223 – Fax: 51.35908467

www.ihu.unisinos.br

DA MÔNADA AO SOCIAL: A INTERSUBJETIVIDADE SEGUNDO LEVINAS

Marcelo Fabri

Pode-se falar de um conceito levinasiano de intersubjetividade? Nos escritos de Levinas, o termo não é abordado de modo recorrente nem parece assumir a importância que possui para filósofos do diálogo, tais como Buber, Gadamer e Ricoeur (só para mencionarmos alguns dos grandes nomes). Antes de pensar sobre o diálogo ou sobre a vida intersubjetiva nela mesma, Levinas parece preocupar-se, de modo mais enfático, com o primado da ética sobre a ontologia e, por conseguinte, com a resistência de todo Outro à esfera do Mesmo, sugerindo, então, que uma filosofia do diálogo deva sempre manter-se numa espécie de vigilância diante das armadilhas totalizantes implícitas numa filosofia da intersubjetividade. Com esta exposição procuramos examinar se é possível uma compreensão da intersubjetividade a partir da fenomenologia do *eu* separado, isto é, de um sujeito pensado originariamente como mônada, e não como identidade que emerge de um confronto dialógico com o outro. Nós o faremos a partir de três momentos. Em primeiro lugar, traremos à tona a herança e a atualidade do conceito de intersubjetividade a partir de um modelo dialético, ou mesmo dia-lógico, em que o tema do reconhecimento mútuo passa a ser fundamental; em seguida, mostraremos a importância da dimensão crítica do modelo husserliano de reflexão em relação ao modelo dialético; finalmente, apontaremos para um desafio propriamente levinasiano em relação à intersubjetividade, partindo não da reciprocidade, mas sim da relação social, ou socialidade.

1 A intersubjetividade como impossibilidade do solipsismo

Vamos iniciar destacando a importância e a atualidade do modelo dia-lógico. Abordar o tema da intersubjetividade, nos dias de hoje, implica reconhecer um notável paradoxo: o primado da questão da linguagem, expresso a partir da assim chamada guinada linguística e suas consequências filosóficas, deixou

em aberto uma reflexão sobre o próprio ser que fala. O sujeito falante, imprescindível para que haja busca de objetividade e realização da intersubjetividade, permanece à espera de uma reflexão que possa situá-lo em relação aos avanços linguísticos incontornáveis da atualidade. Segundo Lima Vaz (1992, p. 50), em meio à riqueza da linguagem e dos estudos em torno dela, a filosofia contemporânea vê-se carente de uma abordagem antropológica que possa acompanhar os recursos mencionados. Junto ao Eu que fala e intenciona o mundo que o rodeia, há que se referir à interlocução, a partir da qual o encontro com o Outro se torna sempre iminente e imprevisível. A relação Eu-Tu não seria possível sem o meio linguístico no interior do qual se constrói. Pensar essa relação exige, por conseguinte, considerar a pluralidade dos núcleos egológicos em relação, pluralidade esta que é decisiva para constituir o assim chamado mundo social em que vivemos, bem como os processos históricos e culturais de onde proviemos. Nesse sentido, quando se fala em intersubjetividade, não se pode escapar a uma tarefa fundamental:

traçar as grandes linhas dessa experiência original que rompe a *objetividade* do horizonte do mundo e na qual o homem se encontra empenhado numa relação propriamente *dia-lógica*, estritamente recíproca, e que se constitui como alternância de invocação e resposta entre *sujeitos* que se mostram como tais nessa e por essa reciprocidade (LIMA VAZ, 1992, p. 53, grifos do autor).

Certamente, estamos de acordo com essa urgência e essa importância dos estudos sobre o homem numa dimensão filosófica capaz de pensar o tema da intersubjetividade para além de qualquer pretensão de objetivação com respeito ao humano e ao inter-humano. Além das esferas do *Eu* e do *Outro*, inseridos no horizonte do mundo, há o âmbito específico de um *Nós*, isto é, da intersubjetividade entendida a partir da suprassunção dos termos egológicos em relação, fato que aponta inevitavelmente para o processo dialético no qual os diferentes sujeitos passam por uma luta bem conhecida, a saber, a luta pelo reconhecimento recíproco (cf. LIMA VAZ, 1992, p. 54).

Mais do que reconstruir a argumentação cerrada de Hegel em sua *Fenomenologia do Espírito*, importa a Lima Vaz destacar o notável paradoxo da reciprocidade que o conceito de intersubjetividade manifesta, a saber, que é somente na relação ao outro que um sujeito poderá descobrir-se como um si mesmo. Do mesmo modo, o outro sujeito só será ele mesmo quando for reconhecido e quando conhecer o seu outro. Eis, em sentido hegeliano, o famoso reconhecimento (LIMA VAZ, 1992, p. 55). O que isso vem mostrar? Exatamente a impossibilidade do solipsismo, pois o movimento dialético suprassume toda objetividade na própria relação entre os sujeitos. A forma do *ser-com-o-outro* é inerente ao ser humano enquanto tal.

É assim que pensadores contemporâneos procuram reativar a contribuição de um Hegel ainda jovem para o tema da intersubjetividade, sobretudo em seu teor ético e político. O mérito da proposta hegeliana, tal como aparece já no período anterior à sua filosofia da consciência e do Espírito, estaria em evitar qualquer visão atomística da vida social, isto é, de ultrapassar as concepções de sociedade fundadas na crença de que indivíduos separados uns dos outros sejam a base de toda socialização (cf. HONNETH, 2003, p. 39). Em vez de indivíduos que, num certo momento, procuram associar-se para lutar pela sobrevivência ou autoconservação, deve haver como que uma unidade ética de todos, antes de todo isolamento. As formas elementares de convívio intersubjetivo já devem sempre ser como que o pressuposto de uma existência em sociedade. Há, portanto, obrigações intersubjetivas que naturalmente estão na base de qualquer formação social. A pergunta é, então, a seguinte: como transformar “as formas primevas de comunidade social em relações mais abrangentes de relação social?” (HONNETH, 2003, p. 44).

O jovem Hegel estava fortemente marcado pelo ideal da *polis* clássica, bem como pelo conceito aristotélico de uma eticidade originária e natural (cf. HONNETH, 2003, p. 63), em que a relação intersubjetiva surge antes mesmo dos próprios sujeitos que a perfazem. No entanto, posteriormente tal abordagem perde sua força ou primazia em função de um discurso sobre o processo de formação do Espírito, no qual entra em cena o famoso tema da formação da consciência e, sobretudo, do processo cognitivo por meio do qual o encontro conflitante de duas consciências deverá conduzir a uma consciência universal, bem como a uma espécie de coletividade proveniente do reconhecimento recíproco (universalização social) (cf. HONNETH, 2003, p. 64). Será preciso, assim, submeter o pensamento de Hegel a uma crítica, a partir da qual se exploram e reativam as potencialidades de um conceito de reconhecimento em textos de juventude, anteriores à filosofia da consciência presente na *Fenomenologia do Espírito*.

A esse respeito, uma das teses que será explorada por Honneth, e que posteriormente será reinterpretada com a ajuda da psicanálise (Winnicott) e da psicologia social (Mead), é que o amor sexual é uma primeira forma de unificação de sujeitos opostos uns aos outros. O outro é “ele mesmo”, exatamente pelo fato de ser alteridade em relação a um eu. Este, por sua vez, se sabe a si mesmo no outro. Trata-se de uma relação mútua mediante a qual um se reconhece no outro, antes mesmo de todo refinamento trazido pela cultura. A individualidade dos sujeitos é então confirmada, reconhecida, determinada. O outro deve ser reconhecido como um gênero de pessoa para que o eu possa ser também reconhecido. Assim, não fosse a expe-

riência de ser amado, um sujeito não estaria em condições de participar na vida pública de uma coletividade, ou ainda: “sem o sentimento de ser amado não poderia absolutamente se formar um referente intrapsíquico para a noção associada ao conceito de comunidade ética” (HONNETH, 2003, p. 79).

Em sua leitura de Winnicot, Honneth destaca o elemento afetivo, originário e intersubjetivo da existência humana individual e social, chamando a atenção para a interdependência básica de mãe e bebê, no que tange à satisfação das carências fundamentais de ambos. A questão é justamente sobre o processo de interação através do qual mãe e bebê se separam de uma simbiose, ou indiferenciação primordial, passando, assim, a cumprir o papel de pessoas independentes. A descoberta, feita por um bebê, de sua própria vida pessoal implica a aquisição de uma autoconfiança que, por sua vez, não se separa da confiança na preservação do amor e da dedicação materna. (cf. HONNETH, 2003, p. 172 et seq.). Eis por que a fusão originária será determinante em todas as formas ulteriores de amor na vida de um indivíduo, o qual nunca se desprende do desejo de estar fundido ao outro, objeto de seu amor (idem, ibidem, p. 174). O amor manifesta, pois, dois movimentos inseparáveis um do outro, a saber, o desejo (mesmo inconsciente) de fusão com o outro e a liberação para a independência, liberação que só é possível, digamo-lo uma vez mais, porque há confiança em que a dedicação comum permaneça. Mais uma vez, Hegel surge como modelo decisivo para uma reativação e interpretação do conceito de reconhecimento:

Só aquela ligação simbioticamente alimentada, que surge da delimitação reciprocamente querida, cria a medida de autoconfiança individual, que é a base indispensável para a participação autônoma na vida pública (HONNETH, 2003, p. 178).

2 A intencionalidade como possibilidade do solipsismo

Para o estudioso de Levinas, fica a questão: a reativação contemporânea de Hegel, que parte da intersubjetividade amorosa e sexual para discutir, em seguida, o reconhecimento de direitos e a estima social (Honneth), também deve ser questionada a partir da quebra da totalidade, da crítica à redução do *outro* ao *mesmo*, vale dizer do primado da ética sobre a ontologia? Dito de outro modo, como situar a contribuição de Levinas na discussão acerca dos problemas relacionados à intersubjetividade, tais como a importância do conflito amoroso na formação dos sujeitos, a luta pelo reconhecimento dos direitos individuais e grupais, a constituição da comunidade ética, bem como a busca de normas e regras para as ações?

Nesse ponto, pensamos ser de fundamental importância o caminho fenomenológico de Levinas. Para ele, embora fiel ao modelo de racionalidade do Ocidente, Husserl é o mestre que ensina o caráter infundável das reduções bem como a ingenuidade inerente a todo esforço filosófico de concluir, de abarcar o real. Na perspectiva levinasiana, o ensinamento da fenomenologia é o permanente reinício das reduções, é a reconquista de um começo absoluto, capaz de apagar todas as pegadas deixadas pelo pensador que se crê imune à ingenuidade. No entanto, para além do processo metódico do Eu que medita, há para Levinas o trabalho intersubjetivo de filósofos que se criticam mutuamente. Nesse drama, a história da filosofia é a condição para um Dizer que é também um re-dizer. Além do rigor necessário ao trabalho teórico-crítico, isso implica a possibilidade de que os antigos retomem sua palavra a partir da interpretação que eles suscitam (cf. LEVINAS, 1996, p. 38-39). Pensamos que, no caso de Levinas, seus interlocutores são reinterpretados de um modo ousado, crítico e inovador. Não é somente a crítica contundente à racionalidade do Ocidente que se encontra em questão, mas as interpretações de uma herança cultural que inclui a racionalidade grega e as metáforas bíblicas. No que diz respeito ao mestre Husserl, trata-se de interpretar o conceito de intersubjetividade a partir da reativação do caráter monádico do existente humano. Como assim? Se Hegel, o maior expoente da filosofia totalizadora, pode ser reativado por tentativas atuais de pensar a ética e a intersubjetividade, não se poderia dizer o mesmo com respeito a Husserl? Não é isso que faz Levinas, em certo sentido?

A fenomenologia parte em busca do famoso *cogito* que, desde Descartes, provoca em nós o fascínio da origem e do começo absoluto, ou ainda: que põe para o pensar humano a possibilidade de conquistar a certeza sobre si a partir de uma suspensão das relações que podemos estabelecer com o exterior. Sem essa *epoché* daquilo que está fora, não há como se referir a um eu como origem ou começo, ou seja, à falta da realidade do *cogito*, o eu não se apreenderia como pensamento e liberdade.

Em vez de uma intersubjetividade originária e constituinte das identidades mediante o reconhecimento mútuo, a fenomenologia husserliana surge para Levinas como possibilidade de uma visão monadológica da consciência. Isso porque o inacabado das diferentes silhuetas a partir das quais o mundo externo é dado na percepção mostra que o mundo não deixa de ser um modo de aparecer a um sujeito. Nas palavras de Levinas (s/d., p. 61), o “eu detém os fios de todas as camadas da realidade, de todas as suas formas, por muito afastadas que estejam da subjetividade”. Toda realidade depende, em última instância, dessa maneira de se dar à subjetividade, tudo tem

sentido para a consciência. A noção de origem remete ao sujeito, o qual, em sua responsabilidade por si e em sua resposta a si, é uma espécie de absoluto. “A fenomenologia põe em ação a liberdade em nós” (idem, *ibidem*). O papel da intersubjetividade será, assim, pensado mediante uma insistente reflexão sobre o eu monádico. Na 5ª *Meditação cartesiana*, Husserl

esboça precisamente a constituição da objetividade completa a partir do domínio rigorosamente pessoal da mônada. Sendo o objetivo aquilo que tem um sentido intersubjetivo, Husserl mostra como se constitui a intersubjetividade a partir do solipsismo da mônada. Solipsismo que não nega a existência de outrem, mas descreve uma existência que, em princípio, pode considerar-se como se existisse sozinha (LEVINAS, s/d., p. 61).

Certo, todo aquele que partilha das críticas levinasianas ao intelectualismo do mestre não deixará de notar um esforço para mostrar que a consciência é Desejo do Outro, acolhimento da alteridade, numa palavra: é subjetividade impactada pela ideia de Infinito. A diferença seria, então, o que mais importa. No entanto, pensamos que a exposição das teses de Husserl rendeu a Levinas algo mais do que uma simples distância ou separação. Como assim? É que Levinas não se esquece de louvar a ênfase sobre a intencionalidade como algo essencial ao pensar. O pensamento intencional é aquele que tem um sentido, e isso significa: a relação social não é um compromisso assumido por um sujeito antes do pensamento, vale dizer, anterior ao dinamismo das intenções. Aquilo que o ser humano é histórica e concretamente não pode prescindir de um eu que realiza o movimento do pensar enquanto intencionalidade. Nas palavras de Levinas (s/d., p. 62):

Há em mim uma possibilidade de solidão, apesar da minha sociabilidade efetiva e da presença do mundo para mim. Precisamente enquanto pensamento, eu sou uma mônada, uma mônada sempre possível num distanciamento sempre possível relativamente aos meus compromissos. Estou sempre prestes a ir na direção do todo onde existo, pois estou sempre de fora entrincheirado no meu pensamento.

Com Husserl, nota-se esta separação ou desvinculação mediante o pensamento, fato que implica a manutenção ou necessidade de um sujeito que responde por si mesmo, a despeito de toda relação que tal sujeito estabelece com o seu existir, e para além de toda dependência que possa possuir em relação à história e ao ser. O eu não é um ser-á lançado no mundo, marcado pelo nada de seu fundamento (Heidegger). A intencionalidade, explica Levinas (s/d., p. 64), “caracteriza uma mônada”. Eis por que a filosofia husserliana, para Levinas, é uma filosofia

da consciência, da liberdade, da claridade. O modo de ser da existência do sentido depende da consciência, pois é a consciência que constitui o pensamento enquanto vida concreta e histórica, sob a forma de síntese.

Em Husserl, a redução como método é absolutamente imprescindível, porquanto, sem a suspensão da atitude natural, não seria possível ao sujeito coincidir consigo mesmo enquanto liberdade. A existência pessoal e livre é a maneira mesma de uma vida de método, de realização do saber e de renovação das evidências. A redução nos faz ver o mundo que é constituído por pessoas que nele vivem, inclusive por nós. Há, então, uma gama de relações fundamentais envolvendo inteligência, sentimentos, paixões, ações. Ora, mesmo sabendo que não somos os criadores ou constituintes solitários do mundo, as noeses com as quais o sujeito intenciona o mundo são *suas*. Na perspectiva levinasiana, trata-se não de solipsismo, mas da possibilidade do solipsismo (cf. LEVINAS, s/d., p. 64), uma vez que, graças à intencionalidade, o ser humano permanece livre em relação ao mundo, inclusive para poder realizar a redução. Estar no mundo implica, assim, compreender que, já em nossas relações afetivas e volitivas com as coisas e os outros, existimos em meio a uma busca de inteligibilidade e compreensão. Tudo, em certo sentido, pode ser convertido em pensamento: atitudes, valorações, ações, etc.

Daí poder-se dizer que até mesmo a sensibilidade, cuja cidadania só foi reconhecida tardiamente na história do pensamento, faz parte fundamental de toda constituição. Pois aquilo que faz do sujeito uma unicidade, ou uma vida subjetiva irreduzível, é a sensibilidade. Esse recuo é uma retrocedência que Hegel não seria capaz de admitir, mas que Husserl, por sua genialidade, soube compreender como sendo um tipo de intencionalidade que “localiza” ou “situa” todo conteúdo por referência a um indivíduo humano corporalmente presente. Com as palavras de Levinas, a sensibilidade “é o ponto zero da situação, a origem do próprio fato de se situar” (s/d., p. 145, grifo do autor). É assim que o corpo próprio (*Leib*) traz a possibilidade de toda orientação, sustentação de si, começo temporal, bem como de qualquer tomada de posição diante da vida e dos outros. Não há, pois, pensamento sem um sujeito sensível que pensa, ou ainda, sem uma presença temporal e carnal de um eu que sempre estará em condições de se separar ou desvincular de uma história que se constitui a despeito de sua liberdade e, sobretudo, que prescinde de seu poder de falar (cf. LEVINAS, s/d., p. 146-147).

Mais do que uma recusa de qualquer processo que vise ao respeito mútuo ou à luta para que as relações intersubjetivas caminhem paulatinamente para uma regulação normativa e humana das relações entre os indivíduos, trata-se de pensar a

subjetividade como um poder de recuo pelo qual um eu pode responder por si e pelos outros, a despeito de toda hostilidade natural ou de toda busca de identidade ontológica, psicológica e social. Para radicalizar esta, por assim dizer, sensibilidade ou solidão do sujeito fenomenológico, Levinas realiza uma “redução” que pode ser assim entendida: mais do que ponto zero de toda orientação, ou começo temporal em que o mundo passa a ser constituído, é fundamental começar por uma *ontologia da solidão*, isto é, de uma análise da consciência enquanto mônada. Numa palavra, é preciso descrever a relação que a mônada pode estabelecer com o seu próprio existir. Assim, o poder de começar de um sujeito implica, antes de toda vinculação ao ser, ao outro, ao mundo e à história, uma ligação profunda com sua condição de existente. Antes de pensar o humano como resultado de um processo de interação e inter-relação, é possível descrever a solidão do existente como condição de toda intersubjetividade e de toda luta por reconhecimento mútuo. Eis o que mostraremos a seguir.

3 Mônada e relação intersubjetiva

Numa de suas obras fundamentais (LEVINAS, 1983), o filósofo procura descrever a dimensão temporal como relação ao outro, mas para tanto evita qualquer compreensão sociológica, psicológica e idealista do tempo e do próprio sujeito. As análises se desenvolvem, desde o início, como ontológicas, ou seja, partem do pressuposto de que solidão e coletividade são categorias ligadas ao conceito de ser. Mas não nos enganemos: contrapondo-se a Heidegger, o ponto de partida de Levinas não é o *ser-com*, vale dizer, não é a descrição da solidão a partir de uma relação prévia com o outro, que sempre pressupõe associação em torno de algo comum, e não um face a face. Para Levinas, a solidão não se define nem por oposição à coletividade, nem por uma espécie de vivência infeliz (cf. LEVINAS, 1983, p. 19). Como entender a solidão?

É verdade que estamos sempre relacionados a coisas, pessoas, símbolos, etc., mas todas essas relações são transitivas. Enquanto viso isto ou aquilo (transitividade), mantenho-me isolado em meu próprio existir (intransitividade). Assim: “Tudo se pode intercambiar entre os seres, exceto o existir. Nesse sentido, ser é o mesmo que isolar-se pelo existir. Sou mônada enquanto existo” (idem, *ibidem*, p. 21). Todavia não é certo conteúdo em mim que não pode ser comunicado, mas o próprio existir. O incomunicável diz respeito àquilo que está enraizado em meu ser. Aquilo que é mais privativo em mim é a relação que estabelecemos com meu próprio existir. Se em Husserl intencionalidade e sensibilidade denunciavam a possibilidade do solipsismo, em Levinas a solidão não possui, ela mesma, nenhu-

ma intencionalidade, relação e multiplicidade. A solidão não é existencial nem psicológica, mas ontológica. Por quê? Porque, na perspectiva levinasiana, há uma unidade indissolúvel entre o existente e seu próprio existir.

Essa análise da solidão abre, com efeito, reiteradas reflexões sobre o ser impessoal, a neutralidade da razão universal, o sujeito do saber como poder (cf. LEVINAS, 2009, p. 69 et seq.), bem como as descrições essenciais da hipóstase e da separação (cf. respectivamente LEVINAS, 1983, p. 31 et seq.; LEVINAS, 1978, 81 et seq.), mas por ora interessa-nos compreender por que a solidão não é a simples privação da coletividade de semelhantes. “O sujeito é solitário porque é uno” (LEVINAS, 1983, p. 35), ou seja, sem a solidão do existente às voltas com seu existir não haveria começo, domínio, poder e liberdade, características próprias da subjetividade. A verdade é que, para além da liberdade e do poder de começo, o sujeito encontra-se numa situação de encadeamento a si mesmo, ou ainda: o ser livre implica inevitavelmente a condição de responsável por si mesmo. O ser livre já é, paradoxalmente, não-livre, pois um sujeito concreto está às voltas com sua corporeidade ou materialidade, uma espécie de peso inerente ao existir (cf. LEVINAS, 1983, p. 37). O sujeito não é uma simples reflexão sobre si, mas relação de um eu (*Moi*) a si (*Soi*). Na vida cotidiana, são inúmeras as situações pelas quais o existente busca vencer este acorrentamento: o ato de se alimentar, de conversar, de descansar, de conhecer, de trabalhar, e assim por diante. Mas a sociabilidade propriamente dita, Levinas a encontra, principalmente em seus textos do pós-guerra, na metáfora bíblica do feminino. Poderíamos, aqui, continuar seguindo as análises inesgotáveis de *O Tempo e o Outro*, mas propomos percorrer um caminho menos conhecido, a saber, uma conferência de 1948, recentemente publicada, cujo título é *Palavra e Silêncio* (cf. LEVINAS, 2009, p. 104).

Levinas lembra o *Gênesis* (II, 18) onde se lê que “não é bom que o homem esteja só”. Após haver nomeado e averiguado os outros seres, o homem se encontra na inusitada situação: ele ainda não falou, isto é, não possui um ser diante de si (*un assistant*), sob a forma de um espectador ou testemunha. O feminino vem solucionar esta situação penosa (*malheur*). O homem pôde, então, “reconhecer sua própria substância”, pois, como explica Levinas, “a relação com o feminino é a realização de sua nostalgia de ser o outro” (LEVINAS, 2009, p. 97).

O que significa este desejo? O que está em jogo não é identificar-se a outro ser, nem definir-se por uma relação dialética com ele, mas de se poder afirmar que outrem “é o outro”. Eis a relação social, entendida não como um simples fato empírico, e sim como estrutura do sujeito em sua dimensão ontológica. Tal relação é originariamente erótica. Por quê? Porque a diferen-

ça sexual é irreduzível, não em sentido biológico ou sociológico, mas ontológico. Com isso, Levinas põe em discussão o caráter universal da razão. Dizer razão implica reconhecer a diferença entre eu e tu, ou ainda: requer a desconstrução de um *logos* que se mantém sempre como razão restrita ao eu. Por conseguinte, o feminino guarda em si uma exterioridade irreduzível, uma significação que ultrapassa a própria diferença sexual. A relação erótica é temporal, ou seja, é saída de si e recomeço e, mais ainda, é acontecimento que escapa a toda participação numa representação coletiva e comum. A possibilidade de evasão ou libertação do acorrentamento a si mesmo depende disto: que aquilo que é comum seja posterior à relação social (cf. LEVINAS, 2009, p. 98).

Na referida conferência de 1948, Levinas (idem, ibidem) usa a expressão relação intersubjetiva para falar da temporalidade que liberta o sujeito de si mesmo, abrindo a dimensão de futuro e de pluralidade. O sujeito sai de si ao gerar o outro (filho), e com isso é capaz de tornar a existência plural, resistente à estagnação, bem como diferente de toda busca de identificação. Como se cumpre a ordem intersubjetiva? Em que sentido se pode falar, com Levinas, de uma ordem que, mesmo correndo o risco de anular ou violentar a relação social, é imprescindível para o autoconhecimento humano, para a existência em comunidade e, finalmente, para o reconhecimento de si e do outro na vida associada? Tudo se passa como se faltasse à relação social um complemento necessário, ou o cumprimento daquilo que ela já anuncia: a sucessão temporal se fazendo simultaneidade (idem, ibidem).

A narrativa pela qual os seres humanos contam suas histórias exemplares ou míticas é o recurso inestimável para que a relação intersubjetiva se organize como simultaneidade de um mundo e, assim, como estrutura coletiva ou civilização que integrou em si a ordem do cosmos e a temporalidade da relação intersubjetiva. É assim que o sujeito, descrito ora em sua solidão monádica ora em sua relação com outrem se compreende também como “ele”, isto é, como sujeito inserido num mundo comum, partilhando histórias coletivas com seus semelhantes, munido de uma espécie de vestimenta social. Nas palavras de Levinas (2009, p. 99): “Sou em mesmo, mas já comprometido em relações que me identificam e que a palavra evoca, enquanto signo”. É o si mesmo inserido na civilização, na esfera cultural, no esforço para se reconhecer e conhecer. Nota-se, aqui, igualmente a luta humana contra a mentira, fato que curiosamente manifesta um “racionalismo” levinasiano. Não o racionalismo da totalidade e do *logos* impessoal, mas do *face a face* como condição de todo existir sensato e humano. Eis, para nós, a condição de toda busca de reconhecimento mútuo, implícita

no ideal de uma sociedade capaz de avançar em termos de direitos e solidariedade.

Temos, assim, toda ambiguidade da palavra, segundo Levinas. De um lado, o mito e a fábula tornando toda sinceridade impossível. De outro, a necessidade da simultaneidade trazida pela civilização.

No primeiro caso, compreende-se que, na existência social, sempre podemos falar como personagens, representar uma comédia, descobrindo-nos como incapazes de encontrar a palavra em sua nudez ou sinceridade. O sujeito se vê, então, participando de um mito, ao modo de um personagem de um livro.

É o heroísmo do hábito, é o refletir-se no espelho da história, é o falar como se fôssemos nosso próprio retrato suspenso numa galeria de antepassados e numa revista ilustrada – são todas essas frases que começam por “Nós”. A pessoa se refugia em seu mito em vez de fazê-lo (LEVINAS, 2009, p. 100).

Essa possibilidade é iminente em toda existência social, até mesmo nas relações de reconhecimento mútuo – pois sempre corremos o risco de nos aprisionarmos no desejo do outro bem como defender um reconhecimento que termine primando, mesmo inconscientemente, pelo modelo da comunidade própria. Dito de outro modo, reconhecer o outro nem sempre é reconhecer a diferença que ele traz. O outro pode ser reconhecido em sua alteridade, mas a violência é sempre um recurso à disposição de quem possui a força e o poder.

No segundo caso, é a própria necessidade da civilização, ou existência sob a forma de simultaneidade, que se encontra em questão. A relação social, ou intersubjetiva, tem como tarefa incontornável a sua própria realização como simultaneidade da temporalidade, ou seja, não pode passar de uma existência coletiva atrelada a suas histórias sem as quais nenhuma civilização seria possível. É assim que a pessoa se desvincula da própria dualidade da diferença sexual para descobrir-se como pessoa na comunidade, ou sujeito envolvido em uma comunidade de pessoas iguais (cf. LEVINAS, 2009, p. 100). O grande problema aqui é este: que a sociedade vigiada ou controlada, carregada de hipocrisia e de mentira, é o resultado inevitável da intersubjetividade ou relação social. A palavra esconde, então, a unicidade do sujeito e “o acontecimento misterioso da intersubjetividade” (idem, *ibidem*, p. 101). É como se a relação temporal fosse absorvida pela fábula. A dualidade do um e do outro – diferença sexual – se torna poder humano ou obra da civilização. Mas a intersubjetividade ou socialidade é tempo concreto e relação entre diferentes. Essa relação funda a própria civilização e, assim sendo, a vida civilizada, onde a pessoa se afirma como soberania, é a condição para que haja transcendência, isto é, o

futuro como criação, pluralidade, diferença, desejo, incompletude. Poder que assegura paradoxalmente um futuro resistente a todo poder.

Levinas (2009) compreende a obra da civilização a partir da fábula. Pela narrativa, pode o ser humano interromper sua própria história. Por quê? Porque é graças a isso que o tempo em sucessão se transforma em presente ou simultaneidade. O saber teórico e a verdade ontológica dependem desta ordenação do devir sob a forma de tempo presente. Se for verdade que a diferença sexual funda a coletividade, não é menos verdade que a vida civilizada, essencialmente votada ao poder e ao domínio, traz sempre anunciada uma temporalidade não-sincronizável, um movimento *para-o-outro* que é também a condição de possibilidade de uma busca de respeito e reconhecimento mútuos. Sem essa transcendência anunciada e vivenciada, a civilização não seria o espaço simétrico em que os indivíduos se compreendem como iguais e dignos de respeito, bem como capazes de solidariedade. Como se vê, Levinas fala de uma relação intersubjetiva que vem antes de toda dialética do si e do outro de si. Uma espécie de resistência ética condicionando e questionando a civilização.

Referências

- BERGSON, H. *As duas fontes da moral e da religião*. Coimbra: Almedina, 2005.
- HONNETH, A. *Luta por reconhecimento. A gramática moral dos conflitos sociais*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2003.
- LEVINAS, E. *Le Temps et l'Autre*. Paris: PUF, 1983 (Quadrige).
- _____. *Descobrendo a existência com Husserl e Heidegger*. Lisboa: Instituto Piaget, s/d.
- _____. *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence*. Paris: Le Livre de Poche, 1996.
- _____. *Parole et silence et autres conférences inédites (Oeuvres II)*. Bernard Grasset/IMEC, 2009.
- LIMA VAZ, H.C. *Antropologia Filosófica II*. São Paulo: Loyola, 1992.

TEMAS DOS CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 *A teoria da justiça de John Rawls* – Dr. José Nedel
- N. 02 *O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas* – Dra. Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – MS Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 *O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo* – Jornalista Sonia Montaró
- N. 04 *Ermani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular* – Prof. Dr. Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 *O ruído de guerra e o silêncio de Deus* – Dr. Manfred Zeuch
- N. 06 *BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo* – Prof. Dr. Renato Janine Ribeiro
- N. 07 *Mundos televisivos e sentidos identitários na TV* – Profa. Dra. Suzana Kilpp
- N. 08 *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho* – Profa. Dra. Márcia Lopes Duarte
- N. 09 *Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada* – Prof. Dr. Valério Cruz Brittos
- N. 10 *Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo* – Prof. Dr. Édison Luis Gastaldo
- N. 11 *Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz* – Profa. Dra. Márcia Tiburi
- N. 12 *A domesticação do exótico* – Profa. Dra. Paula Caleffi
- N. 13 *Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular* – Profa. Dra. Edla Eggert
- N. 14 *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS* – Prof. Dr. Gunter Axt
- N. 15 *Medicina social: um instrumento para denúncia* – Profa. Dra. Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 *Mudanças de significado da tatuagem contemporânea* – Profa. Dra. Débora Krishcke Leitão
- N. 17 *As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade* – Prof. Dr. Mário Maestri
- N. 18 *Um itinerário do pensamento de Edgar Morin* – Profa. Dra. Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 *Os donos do Poder, de Raymundo Faoro* – Profa. Dra. Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 *Sobre técnica e humanismo* – Prof. Dr. Oswaldo Giacóia Junior
- N. 21 *Construindo novos caminhos para a intervenção societária* – Profa. Dra. Lucilda Selli
- N. 22 *Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial* – Prof. Dr. Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 *Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático* – Prof. Dr. Valério Rohden
- N. 24 *Imagens da exclusão no cinema nacional* – Profa. Dra. Miriam Rossini
- N. 25 *A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação* – Profa. Dra. Nísia Martins do Rosário
- N. 26 *O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS* – MS Rosa Maria Serra Bavaresco
- N. 27 *O modo de objetivação jornalística* – Profa. Dra. Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 *A cidade afetada pela cultura digital* – Prof. Dr. Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 *Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS* – Prof. MS José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 *Getúlio, romance ou biografia?* – Prof. Dr. Juremir Machado da Silva
- N. 31 *A crise e o êxodo da sociedade salarial* – Prof. Dr. André Gorz
- N. 32 *À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades* – Prof. Dr. André Sidnei Muszkopf
- N. 33 *O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações* – Prof. MS Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 *O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos* – Prof. Dr. Marco Aurélio Santana
- N. 35 *Adam Smith: filósofo e economista* – Profa. Dra. Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos
- N. 36 *Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica* – Prof. Dr. Airon Luiz Jungblut
- N. 37 *As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes* – Prof. Dr. Fernando Ferrari Filho
- N. 38 *Rosa Egipcíaca: Uma Santa Africana no Brasil Colonial* – Prof. Dr. Luiz Mott.
- N. 39 *Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo* – Prof. Dr. Gentil Corazza
- N. 40 *Corpo e Agenda na Revista Feminina* – MS Adriana Braga
- N. 41 *A (anti)filosofia de Karl Marx* – Profa. Dra. Leda Maria Paulani
- N. 42 *Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa”* – Prof. Dr. Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 *Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica* – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 44 *Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistêmica de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo* – Prof. Dr. Gérard Donnadieu
- N. 45 *A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica* – Prof. Dr. Lothar Schäfer
- N. 46 *“Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju* – Profa. Dra. Ceres Karam Brum

- N. 47 *O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter* – Prof. Dr. Achyles Barcelos da Costa
- N. 48 *Religião e elo social. O caso do cristianismo* – Prof. Dr. Gérard Donnadieu
- N. 49 *Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo* – Prof. Dr. Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 *Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras* – Prof. Dr. Evilázio Teixeira
- N. 51 *Violências: O olhar da saúde coletiva* – Éilda Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 *Ética e emoções morais – Prof. Dr. Thomas Kesselring* *Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral?* – Prof. Dr. Adriano Naves de Brito
- N. 53 *Computação Quântica. Desafios para o Século XXI* – Prof. Dr. Fernando Haas
- N. 54 *Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil* – Profa. Dra. An Vranckx
- N. 55 *Terra habitável: o grande desafio para a humanidade* – Prof. Dr. Gilberto Dupas
- N. 56 *O decréscimo como condição de uma sociedade convívio* – Prof. Dr. Serge Latouche
- N. 57 *A natureza da natureza: auto-organização e caos* – Prof. Dr. Günter Küppers
- N. 58 *Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades* – Dra. Hazel Henderson
- N. 59 *Globalização – mas como?* – Profa. Dra. Karen Gloy
- N. 60 *A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida* – MS Cesar Sanson
- N. 61 *Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo* – Profa. Dra. Regina Zilberman
- N. 62 *Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história* – Prof. Dr. Fernando Lang da Silveira e Prof. Dr. Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 *Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude* – Cátia Andressa da Silva
- N. 64 *Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo* – Prof. Dr. Artur Cesar Isaia
- N. 65 *Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical* – Profa. Dra. Léa Freitas Perez
- N. 66 *Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675)* – Profa. Dra. Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 *Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa* – Prof. Dr. João Guilherme Barone
- N. 68 *Contingência nas ciências físicas* – Prof. Dr. Fernando Haas
- N. 69 *A cosmologia de Newton* – Prof. Dr. Ney Lemke
- N. 70 *Física Moderna e o paradoxo de Zenon* – Prof. Dr. Fernando Haas
- N. 71 *O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade* – Profa. Dra. Miriam de Souza Rossini
- N. 72 *Da religião e de juventude: modulações e articulações* – Profa. Dra. Léa Freitas Perez
- N. 73 *Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa* – Prof. Dr. Eduardo F. Coutinho
- N. 74 *Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho* – Prof. Dr. Mário Maestri
- N. 75 *A Geologia Arqueológica na Unisinos* – Prof. MS Carlos Henrique Nowatzki
- N. 76 *Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto* – Profa. Dra. Ana Maria Lugão Rios
- N. 77 *Progresso: como mito ou ideologia* – Prof. Dr. Gilberto Dupas
- N. 78 *Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda* – Prof. Dr. Octavio A. C. Conceição
- N. 79 *Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul* – Prof. Dr. Moacyr Flores
- N. 80 *Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território* – Prof. Dr. Arno Alvarez Kern
- N. 81 *Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula* – Profa. Dra. Gláucia de Souza
- N. 82 *Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de "sindicalismo populista" em questão* – Prof. Dr. Marco Aurélio Santana
- N. 83 *Dimensões normativas da Bioética* – Prof. Dr. Alfredo Culleton e Prof. Dr. Vicente de Paulo Barretto
- N. 84 *A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza* – Prof. Dr. Attico Chassot
- N. 85 *Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo* – Profa. Dra. Patrícia Almeida Ashley
- N. 86 *Autonomia na pós-modernidade: um delírio?* – Prof. Dr. Mario Fleig
- N. 87 *Gauchismo, tradição e Tradicionalismo* – Profa. Dra. Maria Eunice Maciel
- N. 88 *A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz* – Prof. Dr. Marcelo Perine
- N. 89 *Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade* – Prof. Dr. Laurício Neumann
- N. 90 *Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida* – Profa. Dra. Maria Cristina Bohn Martins
- N. 91 *Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo* – Prof. Dr. Franklin Leopoldo e Silva
- N. 92 *Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática* – Daiane Martins Bocasanta
- N. 93 *A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro* – Prof. Dr. Carlos Alberto Steil
- N. 94 *Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos* – MS Cesar Sanson
- N. 95 *De volta para o futuro: os precursores da nanotecnologia* – Prof. Dr. Peter A. Schulz
- N. 96 *Vianna Moog como intérprete do Brasil* – MS Enildo de Moura Carvalho
- N. 97 *A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica* – Profa. Dra. Marinês Andrea Kunz
- N. 98 *Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões* – MS Susana Maria Rocca Larrosa
- N. 99 *Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house* – Dra. Vanessa Andrade Pereira
- N. 100 *Autonomia do sujeito moral em Kant* – Prof. Dr. Valerio Rohden
- N. 101 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1* – Prof. Dr. Roberto Camps Moraes

- N. 102 *Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência* – MS Adriano Premebida
- N. 103 *ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso* – Profa. Dra. Eliane Schlemmer
- N. 104 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2* – Prof. Dr. Roberto Camps Moraes
- N. 105 *Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas* – Prof. MS Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 *Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos* – Profa. Dra. Paula Corrêa Henning
- N. 107 *Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine* – Profa. Dra. Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 *Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático?* – Prof. Dr. Telmo Adams
- N. 109 *Transumanismo e nanotecnologia molecular* – Prof. Dr. Celso Candido de Azambuja
- N. 110 *Formação e trabalho em narrativas* – Prof. Dr. Leandro R. Pinheiro
- N. 111 *Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração* – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Prof. Dr. Mário Maestri
- N. 112 *A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda* – Denis Gerson Simões
- N. 113 *Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra* – Esp. Yentl Delanhesi
- N. 114 *SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro* – MS Sonia Montaña
- N. 115 *Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites* – Prof. MS Carlos Daniel Baioto
- N. 116 *Humanizar o humano* – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 *Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião* – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 *Colonizando e descolonizando mentes* – Marcelo Dascal
- N. 119 *A espiritualidade como fator de proteção na adolescência* – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 *A dimensão coletiva da liderança* – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
- N. 121 *Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos* – Eduardo R. Cruz
- N. 122 *Direito das minorias e Direito à diferenciação* – José Rogério Lopes
- N. 123 *Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios* – Wilson Engelmam
- N. 124 *Desejo e violência* – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 *As nanotecnologias no ensino* – Solange Binotto Fagan
- N. 126 *Câmara Cascudo: um historiador católico* – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 *O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstoi* – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel
- N. 128 *Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética* – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Pettele
- N. 129 *Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida* – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 *Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável* – Paulo Roberto Martins
- N. 131 *A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária* – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 *Linguagem, singularidade e atividade de trabalho* – Marlene Teixeira e Éderson de Oliveira Cabral
- N. 133 *A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Niklass Luhmann* – Leonardo Grison
- N. 134 *Motores Biomoleculares* – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 *As redes e a construção de espaços sociais na digitalização* – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 *De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras* – Rodrigo Marques Leistner
- N. 137 *Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstruem suas vidas* – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 *As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis* – Maria Cristina Bohn Martins
- N. 139 *Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades* – Marise Borba da Silva
- N. 140 *Platão e os Guarani* – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 *Direitos humanos na mídia brasileira* – Diego Airoso da Motta
- N. 142 *Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio* – Greyce Vargas
- N. 143 *Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito* – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 *Inclusão e Biopolítica* – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 *Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente* – Bianca Sordi Stock
- N. 146 *Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD* – Camila Moreno
- N. 147 *O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais* – Caetano Sordi
- N. 148 *Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS* – Fernanda Schutz
- N. 149 *Cidadania, autonomia e renda básica* – Josué Pereira da Silva
- N. 150 *Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética* – José Rogério Lopes
- N. 151 *As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão* – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 *Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou “por que voltar ao México 100 anos depois”* – Claudia Wasserman

- N. 153 *Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate* – Stefano Zamagni
- N. 154 *Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'yikue no município de Caarapó-MS* – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 *Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica* – Stefano Zamagni
- N. 156 *Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva* – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 *Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento* – Stefano Zamagni
- N. 158 *"Passemos para a outra margem": da homofobia ao respeito à diversidade* – Omar Lucas Perrout Fortes de Sales
- N. 159 *A ética católica e o espírito do capitalismo* – Stefano Zamagni
- N. 160 *O Slow Food e novos princípios para o mercado* – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 *O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião* – André Brayner de Farias
- N. 162 *O modus operandi das políticas econômicas keynesianas* – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 *Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas* – André Luiz da Silva
- N. 164 *Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich?* – Serge Latouche
- N. 165 *Agostos! A "Crise da Legalidade": vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre* – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 *Convivialidade e decrescimento* – Serge Latouche
- N. 167 *O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga-SP* – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 *O decrescimento e o sagrado* – Serge Latouche
- N. 169 *A busca de um ethos planetário* – Leonardo Boff
- N. 170 *O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo* – Marco Antonio de Abreu Scapini
- N. 171 *Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religião dos saberes* – Gerson Egas Severo
- N. 172 *Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais* – Bruno Pucci
- N. 173 *Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral* – João Roberto Barros II



Marcelo Fabri é graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1985), mestre em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1989) e doutor em Filosofia pela mesma instituição em 1995. Realizou estágio pós-doutoral na Università di Catania (Itália), de outubro de 2004 a julho de 2005. É professor associado da Universidade Federal de Santa Maria. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Ética Fenomenológica, atuando principalmente nos seguintes temas: subjetividade, cultura, motivação, Husserl, Levinas e ontologia contemporânea.

Algumas publicações do autor

SOUZA, R. T.; FABRI, M.; FARIAS, A. B. (Org.). *Alteridade e ética*. Obra Comemorativa de Nascimento de Emmanuel Levinas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

FABRI, M. *Fenomenologia e cultura*: Husserl, Levinas e a motivação ética do pensar. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

_____; SUSIN, L. C.; Pergentino Stefano Pivatto; SOUZA, R. T. (Org.). *Éticas em Diálogo*. Levinas e o pensamento contemporâneo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

NAPOLI, R. B.; FABRI, M.; ROSSATTO, N. (Org.). *Ética e justiça*. Santa Maria: Palloti, 2003.

FABRI, M. *Desencantando a ontologia*: Subjetividade e sentido ético em Levinas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.